

## As Unidades Neológicas do Português em África

*Machosi Tshopo Mbangale*  
(Professor na Universidade Lusófona)

### Introdução

Como se sabe, o português é a língua oficial de comunicação dos países lusófonos de África (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) onde é utilizado na administração, na justiça, no ensino, nos *media*, nas relações com o mundo exterior, etc. Tem, portanto, um estatuto diferente do das línguas nacionais<sup>1</sup> (falares africanos e crioulos) que se usam em situações não oficiais de comunicação.

A aquisição da língua portuguesa pelos autóctones desses países faz-se essencialmente por via de ensino em contextos específicos (escolas, centros de alfabetização...), mas algumas crianças aprendem-na em ambientes naturais (família, comunidade). Com o aumento do número das escolas<sup>2</sup>, aumenta o número dos autóctones, falantes do português.

Verifica-se igualmente uma nova atitude dos autóctones perante o português. Da língua encarada anteriormente com indiferença<sup>3</sup>, o português passa a ser uma língua necessária à comunicação e ao prestígio social.

O português falado em África<sup>4</sup> apresenta desvios em relação ao português europeu. A sua evolução faz-se de modo natural, espontâneo e é adaptada aos novos contextos histórico, social, cultural e linguístico locais. Com efeito, pela sua vitalidade, a língua portuguesa incorpora palavras tomadas de falares locais ou cria novas unidades a fim de responder às necessidades de comunicação. Essas palavras absorvidas (empréstimos lexicais<sup>5</sup>) e criações lexicais que aparecem no português de África são neologismos. Lapa, R. (1984: 53) define os neologismos como: «palavras

novas, mas formadas dentro dos processos usuais na língua [...], ou palavras já existentes, mas às quais se dá novo sentido. [...] Nenhuma delas, porém, é palavra novinha em folha; prova de que a língua não cria, mas propriamente transforma com o material de que dispõe. [...] O estrangeirismo, já o vimos, provém deste desejo, absolutamente legítimo e altamente fecundo, de novas criações.»

As unidades neológicas recolhidas são de vários tipos, e enquanto que algumas são fixadas em português, outras manifestam-se de modo temporário.

Num artigo já publicado (cf. *Revista de Humanidades e Tecnologias*, nº 9 - Ano 2002-2003), explicámos os processos de formação dos neologismos formais (criações lexicais e empréstimos lexicais) registados no português em África (Angola e Moçambique). Assim, na derivação, os neologismos nominais são criados mediante os sufixos: *-eiro*, *-ção*, *-ista*, *-mento*, *-idade*, ou pela mudança da classe gramatical das formas básicas. Os neologismos adjectivais são formados por meio de sufixos: *-ante*, *-ado*, *-oso* e de prefixo *des-*. Os neologismos verbais constroem-se mediante o sufixo *-ar* (terminação) e os prefixos *a-*, *des-*, *re-*. O processo de composição permite formar neologismos compostos que são constituídos por dois substantivos, ou um substantivo e um adjectivo; por um verbo e um substantivo; por um substantivo, uma preposição e um substantivo. O truncamento engendra neologismos formais mediante a supressão de fonemas ou de sílabas no início, no meio e no final das palavras do português europeu. A siglação cria siglas mantendo as letras iniciais das palavras portuguesas. O acrónimo constitui-se por letras ou grupos de letras cuja pronúncia é silábica. Por fim, as formas híbridas criam-se a partir de uma base africana à qual se junta um afixo português (caso de derivados híbridos) ou uma palavra portuguesa (caso de compostos híbridos).

Além dos neologismos formais, podem-se investigar os neologismos semânticos que são acepções novas concedidas às unidades lexicais de uma língua. Resultam da neologia de sentido que, segundo Dubois, J e Al. (1993: 430) consiste: «em conferir às palavras já existentes na língua um conteúdo que não tinham até então, conteúdo podendo ser conceptualmente novo ou expresso até lá por uma outra palavra.»

Os neologismos apresentam igualmente uma dimensão sociológica e cultural. Por um lado, eles adquirem um estatuto social conforme o grupo ao qual os falantes pertencem: grupo político, grupo religioso, grupo social, etc. Falando do aspecto sociológico da neologia, Guilbert, L. (1975: 80) diz que: «*Les mots ont un statut défini par l'usage prédominant ou exclusif qui en est fait dans chacun des groupements sociaux.*» no caso da África lusófona, o léxico português contém numerosos neologismos do domínio político, económico e social, surgidos após as independências e devido aos seguintes factos: a política revolucionária (marxista)

adoptada pelos dirigentes; a liberalização do comércio; a prolongada guerra interna (em Angola e Moçambique), etc. Exemplos: *escola do partido*; *bilhete de banca*; *deslocado de guerra*.

Por outro lado, alguns neologismos são providos de valores culturais e tradicionais traduzidos pelas línguas maternas dos autóctones. É o caso de palavras africanas que se usam em português com uma carga cultural.

No presente estudo, propomo-nos analisar os neologismos semânticos e classificar os formais e semânticos segundo as realidades que assumem nos países africanos lusófonos, especialmente em Angola e Moçambique.

Para realizarmos este trabalho, vamos utilizar o corpus anteriormente constituído, mas completado por outros dados tirados dos mesmos autores (Mendes, B.C.: 1985; Mendes, I.C.: 1994; Mingas, A.: 2000; Rego, S.: 2000) e por informações fornecidas pelos nossos alunos.

## 1. Criação dos neologismos semânticos

Como foi dito, os neologismos semânticos são acepções novas que recebem as unidades de uma língua. Criam-se por meio dos seguintes processos: a extensão de sentido, o deslizamento de sentido, a restrição de sentido, a metonímia, etc. Descrevemos seguidamente os casos registados em português.

### 1.1 Extensão de sentido

A extensão semântica realiza-se a partir do núcleo semico de uma palavra e alarga o seu significado básico a novas áreas semânticas. Assim, as palavras do português europeu adquirem outras acepções enxertadas ao seu sentido(s) original(is). Este processo é muito produtivo. Seguem-se alguns exemplos:

a) em Angola (cf. Mendes, B.C.: 1985)  
*cooperante*, guardando o seu sentido original, adquire o de: «estrangeiro a residir e a trabalhar em África»; *desmarcar* estende o seu conteúdo semântico a: «fugir a um compromisso»; *grifar* aplica-se também a «vestir-se bem»; *pentear* significa não só «compor (o cabelo) com pente» mas também «fazer rusga, controlar a identidade dos cidadãos»; *matabicho* alarga o seu conteúdo a «pequeno-almoço, gratificação, gorjeta»; *varrer* aplica-se tanto a «limpar com a vassoura», como a «beber».

b) em Moçambique (cf. Gonçalves, P.: 1998; Rego, S.V.: 2000)

*afinar*, guardando os seus sentidos, significa também «usar português rebuscado»; o verbo *alarmar* usa-se indiferentemente para «pôr em alarme, assustar» e para «instalar alarme no carro»; *emprestar* significa não só «ceder temporariamente, conceder», mas também «pedir emprestado»; *esquinar* aplica-se igualmente a «esperar na esquina»; *estilar* alarga o seu conteúdo a «exibir-se»; *matabicho* designa indiferentemente, como foi referido em 2.1.a), «pequeno-almoço, gratificação, gorjeta»; *mola* estende o seu conteúdo semântico a «dinheiro».

### 1.2 Restrição de sentido

O processo de restrição semântica consiste na selecção sémica das palavras do português europeu. Estas palavras perdem, portanto, algumas das suas acepções habituais. O corpus fornece os seguintes exemplos:

a) em Angola

O termo *banana pão* restringe o seu significado a «banana de feíto pequeno». O composto *pão-burro* tem o único sentido de «pão de farinha de trigo, cozido em forno de lenha, sem condições higiénicas»; *pano-saia* designa apenas um «pano de vestimenta regional feminina, atado à cintura».

b) em Moçambique (cf. Rego, S.V.: 2000)

*bilhete de banca* restringe o seu conteúdo semântico a «bilhete que dá autorização à venda nos mercados»; *caril* usa-se unicamente no sentido de «molho para acompanhar pratos de carne, peixe ou vegetais».

### 1.3 Deslizamento de sentido

O deslizamento de sentido consiste na passagem de uma palavra para uma outra categoria sem mudança de forma. Essa palavra perde, neste caso, o seu sentido original e adquire um novo sentido. O corpus fornece um único neologismo atestado no português de Angola, e que é o seguinte: *facilita*, este vocábulo (que deriva do verbo *facilitar*) passa a ser usado como substantivo no sentido de «chinelos». De facto, estando incapazes de comprar sapatos devido à falta de dinheiro, os autóctones de Angola compram e calçam chinelos (chamados *facilitas*) que são baratos.

## 1.4 Metonímia

É a simples transferência de denominação. Deste modo, um termo utiliza-se no lugar de um outro com que se encontra em relação: «de causa a efeito», «de produtor a produto», «de matéria a objecto», «da parte ao todo», «de conteúdo a continente», etc. O português de Moçambique apresenta o seguinte neologismo que ilustra a relação da parte ao todo<sup>6</sup>: *chapa-cem* é um distintivo (parte) que passa a designar um automóvel (todo), isto é, «carrinha aberta ou camiã que serve de transporte colectivo na falta dos habituais transportes públicos estatais» (cf. Mendes, I., 2000: 212). Este neologismo mostra que o preço do transporte colectivo era de 100 meticais e estava indicado na chapa (ou placa) da referida carrinha (ou camiã). Apesar do aumento ulterior do preço dos transportes, a referida carrinha (ou camiã) continua a ter a mesma denominação.

## 2. Classificação dos neologismos

Distinguem-se vários grupos de neologismos, conforme as realidades designadas e os domínios de especialização em que as palavras entram. Esses neologismos podem ser formais e semânticos, e classificam-se do seguinte modo:

### 2.1 Neologismos do domínio público

#### a) em Angola

*comissão conjunta* é um grupo a que pertencem elementos do partido no poder e do partido da oposição para juntos procurarem caminhos para a paz no país; o termo *cabo-civil* designa uma autoridade que superintende um bairro nativo, isto é, o regedor de um sector de freguesia; *camarada* é um tratamento partidário entre os membros de uma organização política; *pioneiro* designa uma criança que pertence a uma organização política.

#### b) em Moçambique (cf. Rego, S.: 2000)

*continuador* é um «jovem que assegura a continuidade da revolução»; *escola do partido* significa «escola onde os membros aprendem a doutrina do partido»; *estrutura* designa um «dirigente, autoridade, responsável, alguém que ocupa um cargo hierarquicamente superior»; *homem novo* é uma «pessoa sem vícios, politicamente engajada».

## 2.2 Neologismos relacionados com a administração

### a) em Angola

*comuna* é uma subdivisão administrativa do distrito, correspondendo ao concelho; a palavra *cooperante* tem, como é referido em 1.1.a), o sentido de «estrangeiro a residir e a trabalhar em África»; *posto administrativo* designa uma subdivisão administrativa da circunscrição do concelho.

### b) em Moçambique

*cooperante* significa, como é referido em 1.2.a) "estrangeiro a residir e a trabalhar em Moçambique».

## 2.3 Neologismos relativos à economia

### a) em Angola

*caderneta* é um cartão para fazer compras na loja do povo; *coleira* significa «vendedeira de cola e gengibre» (este negócio, bem como o de tabaco, o de ovos e o de galinhas, constitui uma elevada profissão); a palavra *feijão-branco* designa o diamante, por causa do disfarce que, de permeio com os outros produtos, toma no comum ensacamento de mercadorias; *jornaleiro* é um vendedor de jornais; *loja do povo* corresponde ao supermercado; *ouro negro* tem o sentido de «petróleo» (nome comercial dado ao petróleo pela sua alta valia no mercado); *tabaqueira* é uma vendedora de tabaco (este negócio, bem como o de gengibre, o de ovos e o de galinhas, constitui uma elevada profissão).

### b) em Moçambique (cf. Mendes, I.: 1994; Rego, S.: 2000)

*aldeia comunal* designa uma organização da vida colectiva em zonas rurais; *barraca* é uma tenda de esquina ou debaixo de prédios para vendas de bebidas; *bilhete de banca* significa, como é referido em 1.1.b) «bilhete que dá autorização à venda nos mercados»; *cartão de abastecimento* é um cartão que identifica o membro consumidor de uma determinada loja; *mola* tem o sentido de «dinheiro».

## 2.4 Neologismos do domínio militar

### a) em Angola

*deslocado de guerra* designa alguém que se movimentou de uma localidade

devido à guerra; *desmobilizado* é um militar recentemente desafecto, sem qualquer ocupação; *mutilado de guerra* significa «alguém que perde um membro em situação de guerra»; *retornado* é aquele que em tempo de paz regressa.

b) em Moçambique (Mendes, I.: 1994)  
*deslocado de guerra* tem o mesmo sentido que em 2.2.a); *desmobilizado* tem o sentido referido em 2.2.a); *mutilado de guerra* tem também o sentido assinalado em 2.2.a).

## 2.5 Neologismos do domínio social

a) em Angola  
*barroqueiro* é um vagabundo que se refugia em barrocas ou um malfeitor em prática constante de roubo; o termo *canivete-de-ida-e-volta* significa «pessoa que, em alternância de confidências, ora conta a uma, ora a outra, as críticas que mutuamente se fazem»; *confusionista* é alguém que cria confusão; a palavra *grego* designa um bandido.

b) em Moçambique (Mendes, I.: 1994; Rego, S.: 2000)  
*camada desfavorecida* é o «povo ou grupo social com condições socio-económicas baixas»; *confusionista* tem o mesmo sentido que em 2.5.a); *destabilizador* designa «aquele que provoca a instabilidade social»; *grupo de vigilância* é o «grupo que garante a segurança dos cidadãos».

## 2.6 Neologismos relativos aos transportes e ao trânsito

a) em Angola  
A palavra *carrão* tem o sentido de «carro bonito»; *carro da rede* é uma viatura que, pelas ruas, apresa os animais como cães, cobras, etc.; *encruzilhada morta* significa «encruzilhada abandonada pelo trânsito».

b) em Moçambique (cf. Mendes, I.: 1994; Rego, S.: 2000)  
*chapa-cem* tem, como é referido em 1.3.b), o sentido de: «carrinha aberta ou camião que serve de transporte colectivo na falta dos habituais transportes públicos estatais»; *semi-colectivo* designa um transporte semi-colectivo.

## 2.7 Neologismos dizendo respeito à educação

### a) em Angola

*discípulo* é um aprendiz; a palavra *liceus* designa os estudos feitos em liceu ou qualquer espécie de preparação secundária.

### b) em Moçambique

*afinar* significa, como é referido em 1.1.b), «usar português rebuscado»; *quadro* é um indivíduo formado, instruído»; *grupo de disciplina* designa um conjunto de professores encarregados da disciplina na escola.

## 2.8. Neologismos relativos à saúde

### a) em Angola

*caseiro* significa «remédio simples, preparado em casa»; *doença de sono* designa a doença que, tecnicamente, se chama «Tripanossomiase Africana» (é causada por um protozoário (tripanossoma) e inoculada pela picada de uma mosca do género glossina, conhecida por mosca tsé-tsé); *febre nos ossos* é uma febre que, durante dias, molesta as articulações (febres lentas); *mosca de sono* designa uma espécie de mosca que, pela sua picada, transmite a doença de sono.

### b) em Moçambique

A única palavra registada, *doentio*, designa aquele que está frequentemente doente.

## 2.9 Neologismos relativos à cultura

Em geral, são palavras aportuguesadas que designam: costumes, casas, roupas, danças, jogos, comidas, bebidas, objectos usuais, línguas, espíritos (e Deus), etc. Por exemplo:

### a) em Angola

*alembamento* é o «dote dado pelo noivo à família da noiva»; *kimbadeiro* é «alguém que faz feitiços»; *cubata* significa «palhota»; *funje* é um prato tradicional; *maruvo* é o «vinho de palma»; *jinguba* significa «amendoim»; a *mafumeira* é uma «árvore frondosa»; *bubú* significa «camisa larga de panos coloridos»; *missangas* são jóias tradicionais; *muringue* é um «recipiente largo»;



*quinda* significa «cesto pequeno»; *massango* é um cereal local; *calundu* significa «espírito»; *Nzambi*, «Deus supremo»; a *cabetula*, é uma dança popular; *cassambula* é um jogo infantil tradicional; *quimbundo* é a língua dos Ambundo.

b) em Moçambique

*capulana* é um pano usado na indumentária tradicional; *alembamento* tem o mesmo sentido que em 2.9.a); *lobolo* é o «dote dado pelo noivo à família da noiva»; *niketche*, dança de amor; *chima*, papa de farinha de milho; *macate* é pão de milho; *sura* é licor de palmeira; *pombe* é uma «cerveja caseira à base de fermentação de cereais»; *licaho*, canivete mágico; *chicomo* significa «enxada»; *ndomba*, palhota sagrada; *mafureira*, árvore frondosa; *cacana* é uma erva comestível e medicinal; *xigono* significa «fantasma»; *quimbanda* é um culto bantu; *zuze* é uma «divindade das águas»; *ngalanga* é um tipo de dança; *xaguila* é uma dança guerreira.

### 3. Conclusão

Nos países africanos lusófonos, o português é hoje falado por muitos autóctones devido ao aumento do número das escolas e por causa da nova atitude perante essa língua que os autóctones consideram necessária à comunicação. Para traduzir as novas situações da vida social, os falantes criam em português novas unidades lexicais ou incorporam nele palavras de línguas locais.

Além dos neologismos formais, existem neologismos semânticos que são acepções novas conferidas às palavras de uma língua. No português da África, a extensão semântica é o processo que cria o número elevado de neologismos de sentido. Os neologismos (formais e semânticos) podem ter um determinado estatuto social ou um dado valor cultural. Segundo as realidades designadas, os neologismos registados em português classificam-se em nove grupos (domínios político, social, económico, militar, medical, cultural, etc.).

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Algumas línguas nacionais são utilizadas na rádio, na televisão e na escola primária.
- <sup>2</sup> O número das escolas aumentou nos países africanos lusófonos depois das independências (anos 70).
- <sup>3</sup> Na época colonial, o português era considerado pelos autóctones como a língua do colonizador.
- <sup>4</sup> O português de África lusófona segue geralmente a norma europeia, mas o seu uso oral apresenta diferenças em relação ao português de Portugal..
- <sup>5</sup> Os empréstimos lexicais recolhidos pertencem às línguas bantu de Angola e Moçambique.
- <sup>6</sup> A relação da parte ao todo pode explicar-se pelo processo de sinédoque.

#### Bibliografia

- BAL, Willy (1979), *Afro-Romanica Studia*, Albufeira, Edições Poseidon
- GONÇALVES, P. (1998), *Mudanças do Português em Moçambique. Aquisição e Formato de Estruturas de Subordinação*, Maputo, UEM, Livraria Universitária
- GUILBERT, L. (1975), *La Créativité Lexicale*, Paris, Libr. Larousse
- KREMER, D. (1988), *Mélanges Willy Bal Africana Romanica*, Hamburgo, Helmut Buske Verlag Hamburg
- LAPA, R. (1984), *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra, 11<sup>a</sup> Ed., Coimbra Editora, Lda.
- MENDES, B.C. (1985), *Contributo para o Estudo da Língua Portuguesa em Angola*, Lisboa, Publicações do Instituto de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa
- MENDES, I.C.H. (1994), *O Léxico no Português de Moçambique: aspectos neológicos e terminológicos*, Universidade Nova de Lisboa, FCSU, dissertação de mestrado
- MINGAS, A.A. (2000), *Interferência do Kimbundo no Português falado em Lwanda, Luanda*, ed. Chá de Caxinde.
- REGO, S.V. (2000), *Contributo para a Constituição de um Corpus de Portuguesismos em Nyungwe*, Faculdade de Letras de Lisboa, dissertação de mestrado
- RIBAS, Ó. (1994), *Dicionário de Regionalismos Angolanos*, Matosinhos, Contemporânea Editora, Lda.
- TEYSSIER, P. (1997), *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, trad., 7<sup>a</sup> ed., Livraria Sá da Costa
- VALKHOFF, M.F. (1975), *Miscelânea Luso-Africana, Colectânea de Estudos Coligidos*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar